

Desta dupla, não há devedor que escape.

MOISÉS RABINOVICI,
DE WASHINGTON.

Um eficiente cobrador de dívidas do Terceiro Mundo, incluindo o Brasil, é o ex-comandante de tanque israelense, Chaim Helfgott, que hoje trabalha como gerente de empréstimos internacionais do Equibank em Pittsburgh.

Seu método de resgate de dinheiro considerado perdido lembra um pouco as rápidas e certeiras operações de guerra israelenses. Só do Brasil, onde o Equibank tinha US\$ 30 milhões (Cz\$ 4,1 bilhões), em 1984, ele e mais um banqueiro, Giovanni Cazzarelli, já recuperaram US\$ 20 milhões (Cz\$ 2,7 bilhões).

"Não tivemos dificuldades no Brasil" — lembra Cazzarelli. Só uma pequena, em São Paulo, quando morreu o dono de uma firma a quem o Equibank tinha emprestado dinheiro, e seus herdeiros pareciam dispostos a gastar tudo. A solução foi ameaçar com o confisco de propriedades.

"Saimos felizes de São Paulo" — acrescenta Cazzarelli, falando em nome da dupla de cobradores do Equibank, pois o ex-tanquista Helfgott está em Londres, numa viagem de negócios. O resto de dívida que deixaram no Brasil, US\$ 10 milhões (Cz\$ 1,4 bilhão), está repartido entre empresas estatais e faz parte do pacote de médio prazo, sendo renegociado com o Comitê de Bancos Credores, em Nova York.

Logo que puder, Helfgott e Cazzarelli vão se desfazer desse resto de dinheiro no Brasil, participando de leilões de conversão de dívida em investimento. O sucesso deles, no mundo, entre outros devedores, é o resultado de um novo tipo de abordagem: ao invés de rolar dívidas, eles vão pessoalmente aos devedores.

"É uma questão de estado de espírito. Minha postura é o não compromisso. Nós queremos dinheiro, e não o receberemos com 10% de desconto" — explicou Chaim Helfgott ao **The Wall Street Journal** de ontem, que apresentou numa longa reportagem de primeira página seus métodos de cobrança pouco convencionais.

O sucesso do método de Helfgott, que ele atribui "ao meu lado feio", levou o Equibank a aceitar encomendas de cobrança de outros bancos. Numa operação no Equador, por exemplo, ele entrou numa loja de automóveis, e gritou: "Pague já, ou tomarei estes sedans e aquele conversível. Já temos fregueses para esses carros". Saiu com US\$ 600 mil (Cz\$ 82,8 milhões).

Sua tese é a de que todo devedor pode pagar, de alguma forma, quando apertado. Mesmo os fálicos.

Outra das constatações de Chaim Helfgott, formado em leis bancárias tanto em Israel como nos Estados Unidos: muitas das companhias em dificuldades no Terceiro Mundo são de propriedade de quem acumula depósitos em bancos europeus. O primeiro passo para recuperar o dinheiro seria então muito simples: basta encontrá-los. Para os maus pagadores resistentes, será bom ter provas comprometedoras das contas ilegais que mantêm fora de seus países.